

# Notas sobre vulnerabilidade e desamparo na infância<sup>1</sup>

Analía Wald,<sup>2</sup> Buenos Aires

---

Resumo: A autora apresenta alguns desenvolvimentos a partir da abordagem clínica com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Propõe diferenciar a condição de vulnerabilidade subjetiva constitutiva e estrutural decorrente da experiência de desamparo originário do que possa ser a encruzilhada traumática e o colapso subjetivo que aquela pode implicar, indagando as situações em que os efeitos destrutivos da violência sociossimbólica é um estado de coisas permanente. Discute proposições de Malabou e de Žižek sobre o sujeito pós-traumático, levantando a hipótese de que a condição de vulnerabilidade subjetiva já é uma resposta, mediante a recomposição simbólica, à vulnerabilidade social. A partir de um recorte clínico, mostra o desafio de estender a psicanálise a práticas situadas fora do âmbito tradicional do consultório ou de um enquadre mais clássico. Ressalta a ideia de uma psicanálise comprometida com problemas cruciais de sua época, que sustente a possibilidade de uma resposta singular, entendendo o sujeito no contexto da plasticidade e da complexidade, em abordagens que superem as barreiras disciplinares.

Palavras-chave: vulnerabilidade, desamparo, trauma, criança, sociedade

A noção de vulnerabilidade faz referência a múltiplos aspectos analíticos e possíveis áreas de intervenção, dada a diversidade de fenômenos a que está associada. Compreender, numa perspectiva complexa, os impactos sociais observados a partir de eventos catastróficos levou alguns autores latino-americanos a propor a análise de distintas dimensões de vulnerabilidade com papel importante na propensão ao dano. Wilches-Chaux (1989) propõe 11 dimensões (natural, física, econômica, social, política, técnica, ideológica,

1 Trabalho original publicado em 2018: *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 127, 90-102.

2 Analista em formação da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Faculdade de Psicologia, Universidade de Buenos Aires.

cultural, educativa, ecológica e institucional), e seu conceito de *vulnerabilidade global* supõe que as vulnerabilidades se superpõem em situações de desastre, de forma qualitativamente distinta de outras crises socioeconômicas, mais crônicas do que pontuais. Entre essas últimas, nos interessa examinar particularmente as condições de vulnerabilidade de meninos e meninas que nascem e vivem em contextos de exclusão social. Ao mesmo tempo, consideramos necessário alertar para uma extensão difusa e extraterritorial da noção de vulnerabilidade ao campo da subjetividade.

A vulnerabilidade subjetiva é, para a psicanálise, uma condição estrutural, desconhecida e inconsciente. A *Hilflosigkeit*, como desamparo estrutural, se atualiza como angústia ou como desestruturação em situações de perda ou desproteção. O sujeito neurótico é estruturalmente vulnerável, e é por isso que, ante a encruzilhada traumática, as consequências podem chegar até o aniquilamento, o desalento, o estrago da identidade com a conseqüente devastação subjetiva (Dobon, 2015), a demolição psíquica (Viñar & Ulriksen, 1993).

Porque somos vulneráveis, o acontecer externo pode se transformar em trauma interno, colapso da subjetividade. G. García Reinoso (1992) nota que todo acontecimento implica uma tradução e uma inscrição psíquicas. A situação de trauma repetido se inscreve no inconsciente como desejo de morte do Outro. Aqui, o trauma é o desejo de morte do Outro ou de um outro colocado nesse lugar de Outro onipotente (na Antiguidade, as catástrofes eram atribuídas a um castigo ou a uma maldição dos deuses).

Estamos diferenciando a condição de vulnerabilidade subjetiva constitutiva e estrutural, que decorre da experiência de desamparo originário ante o desejo do Outro (Lacan, 2015), do que possa ser a encruzilhada traumática e o colapso subjetivo em que aquela pode redundar. Tão somente com o sintoma ou o fantasma como respostas é que o desamparo se torna experiência subjetiva. A inscrição do desamparo como desejo de morte do Outro já implica uma imaginarização possível, diferentemente das intrusões sem significado que, segundo Žižek (2012), afetam a textura simbólica da identidade do sujeito. Na era pós-religiosa, equivalem-se a violência física externa, as catástrofes naturais ou a destruição da base material de nossa realidade interna (lesões cerebrais). Quando o sujeito se encontra sem pontos de referência, com o sentido em branco, é invadido por um excesso de gozo que impede sua localização, o que pode produzir estragos e levar o sujeito a sair da cena através de uma passagem ao ato.

O problema é que às vezes, como para a maioria das crianças latino-americanas, o evento disruptivo – os efeitos destrutivos da violência sociossimbólica – é um estado de coisas permanente. A situação traumática é a própria persistência do trauma. Žižek se refere ao século 21 como o século do sujeito pós-traumático, descomprometido, sobrevivente de desastres

naturais, violência familiar, traumas sociopolíticos, acidentes graves, catástrofes que carecem de significado libidinal. A eliminação do sentido é, para Žižek, a nova cara do social.

Os conflitos sociais ficam privados da dialética da luta política propriamente dita e se tornam tão anônimos quanto as catástrofes naturais. Assim, para Žižek, os limites que separam a história da natureza, a “sociopatia” da “neurobiologia”, estão apagados; o terror do campo de concentração e uma lesão cerebral orgânica podem produzir a mesma forma de autismo.

A crítica que Malabou faz a Freud em *Les nouveaux blessés* (2007) é que ele não está disposto a aceitar o poder destrutivo da realidade per se, e não pelo impacto que tem na realidade interna do sujeito. Ou seja, determinado estado de coisas pode ter um poder destrutivo ou devastador sobre a psique, independentemente de sua ressonância, não por ansiedades, não por masoquismo, não por impulso de morte ou sentimento de culpa. Trata-se de situações em que o sujeito não pode estar presente em sua própria fragmentação. Ao contrário da castração, não há nenhuma representação nem possibilidade de anteciper ou fantasiar a destruição neuronal. Quando isso ocorre, é um novo si mesmo, não há possibilidade de reconhecimento.

Freud não concebe um sujeito que sobreviva a sua própria morte ou ao apagamento de sua identidade simbólica. Como no caso do Alzheimer, o que surge é um novo sujeito, descomprometido, desafetado, carente do que Heidegger chama de ser-no-mundo, uma existência encarnada e comprometida.

Psiques para além do amor e do ódio, nem sádicas nem masoquistas. Psiques desafetadas, descomprometidas, incapazes de transferir.

Em termos lacanianos, o que falta aqui não é apenas outro ser humano, o ouvinte atento, mas o próprio “grande Outro”, o espaço de inscrição ou de registro simbólico de minhas palavras... Esse sujeito é primordialmente uma Coisa enigmática, impenetrável, totalmente ambígua, a ponto de não se poder fazer outra coisa senão oscilar entre atribuir-lhe um sofrimento imenso ou uma bendita ignorância. O que o caracteriza é a falta de reconhecimento num duplo sentido: que não nos reconhecemos nele, não há empatia possível, e que o sujeito autista, devido a sua retração, não nos reconhece como seus companheiros na comunicação. (Žižek, 2012, p. 311)

A partir da descrição do sujeito pós-traumático, a pergunta que cabe fazer é a oposta: como transformar a economia das coisas em economia libidinal, nas palavras de Žižek, “como fazer surgir o sexualizado universo do significado?” (p. 311). Se entendemos que a sexualidade freudiana é a placa giratória entre o exterior e o interior, entre o acidente externo e a realidade psíquica, a mediação para que isso ocorra é a fantasia. A fantasia primordialmente recalcada se apresenta como a sutura entre o exterior e o interior, é a estrutura

que integra e dissemina o puro choque e o transforma em êxtimo. Estaremos dizendo, portanto, que o trabalho do psicanalista com meninas e meninos em situações de vulnerabilidade social aponta para a expressão fantasmática a fim de que o trauma passe a fazer parte do recalçado? O paradoxal nisso seria que indicamos construir vulnerabilidade subjetiva: sujeitos que possam subjetivar a *Hilflosigkeit* como desamparo estrutural. Dizia Silvia Bleichmar (2006):

A força do acontecido ganha eficácia produtiva quando o que ingressa não é devastador e pode encontrar modos de recomposição simbólica. Nesse sentido, ninguém está imune a que seu acontecer se veja desarticulado ou interrompido pelo acaso, mas todos temos a possibilidade de que a inscrição do imprevisível seja tolerada. Em suas formas já canonizadas, a psicanálise chamou isso de “posição depressiva” ou “tolerância à angústia de castração”.

Trata-se, do ponto de vista teórico, de nos reconhecermos tão *vulneráveis* quanto capazes de dominar intrapsiquicamente o que nos acontece. É nisso que radica a sabedoria que a análise pode oferecer.

Pois então, a vulnerabilidade subjetiva já é uma resposta, mediante a recomposição simbólica, à vulnerabilidade social? Será esse o trabalho dos psicanalistas?

No Hospital de Clínicas, o Serviço da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires<sup>3</sup> atende crianças que apresentam distintas situações de vulnerabilidade: exclusão socioeconômica, exclusão simbólica, diglossia conflitiva de línguas, população migrante e/ou algum diagnóstico neurológico. Nesse último caso, a vulneração tem a ver com danos no substrato material (lesões cerebrais), transtornos funcionais (descargas epiléticas) ou também com o peso de arcar com diagnósticos difusos que dificultam ainda mais o desenvolvimento social.

O dispositivo assistencial inclui entrevistas diagnósticas individuais com a criança e os adultos responsáveis por ela, e tratamento grupal, com grupo paralelo de reflexão para os adultos. A orientação clínica implica estabelecer hipóteses a respeito das modalidades singulares dos processos de simbolização de cada criança e a respeito dos eixos históricos de significação da problemática, na perspectiva da complexidade (Morin, 2001). A matriz teórica em que se enquadra a análise situa o campo de produção da subjetividade infantil em uma linha de intersubjetividade, na qual se definem os eixos históricos de sentido subjetivo ante os quais, contudo, a criança não é

3 Programa de Assistência Psicopedagógica, Secretaria de Extensão Universitária, Faculdade de Psicologia, Universidade de Buenos Aires. Diretora: Analía Wald. O trabalho assistencial no hospital está associado ao projeto de pesquisa “Tratamento de meninos e meninas com problemas clínicos complexos”.

passiva. A complexização crescente das estruturas psíquicas implica modos de elaboração a partir de uma metabolização complexa e heterocrônica de trajetos pulsionais, afetivos e identificatórios com os objetos de investimento que inclui o campo social.

Agustín<sup>4</sup> tem 9 anos e é encaminhado para o serviço pela neuropediatria por problemas de aprendizagem e de comportamento na escola. Está sob a guarda de Héctor e Marina, que há dois anos o levaram para morar com eles. Está medicado por epilepsia e no momento da consulta não apresenta convulsões, embora às vezes tenha ausências. Segundo Héctor e Marina, a mãe biológica vive em situação de vulnerabilidade social e o teria “dado” por não dispor de recursos para alimentá-lo. Ela tem nove filhos além de Agustín, já teria “dado” outros filhos e está novamente grávida. Héctor e Marina eram vizinhos de bairro; não podiam ter filhos, conheciam Agustín, foram se apegando a ele, começaram a alojá-lo até que ele ficou com eles e solicitaram a guarda. Só então Agustín foi pela primeira vez à escola e começou a ser atendido no hospital. No momento da consulta, tinham se mudado para um bairro mais próspero por terem conseguido um trabalho como zeladores. Isso significou que Agustín deixou de morar perto do lugar onde tinha crescido, de sua mãe e de seus irmãos. É na escola nova na capital onde Agustín começa a ter dificuldades, apesar de ter aprendido a ler e escrever. Briga com seus colegas e bate neles. Não consegue se integrar ao grupo e, além disso, é muito distraído.

Diz Marina na entrevista: “Nós o recebemos de short, descalço e sem blusa... Era um cachorrinho que puseram pra fora. Se tem dificuldades é porque ninguém o apoiou... Talvez pressionamos ele demais”.

Para eles é muito difícil compreender que, a despeito das comodidades que lhe oferecem, Agustín não lhes responde com o reconhecimento, a solicitude e o carinho que esperavam. No grupo de adultos, Héctor e Marina poderão falar dos problemas que têm com Agustín. A vida com a criança está longe de corresponder à situação idealizada que tinham fantasiado, e experimentam raiva e dor ao se sentirem rejeitados.

A equipe da escola relata as dificuldades que enfrenta com Agustín. Como ingressou tardiamente na escola, está um ano atrasado. Não consegue permanecer na classe e fica agressivo com os colegas. Como é bastante alto, decidiram passá-lo de ano apesar de não ter os conteúdos correspondentes, para priorizar os aspectos sociais, embora a dificuldade das tarefas acabe por sobrecarregá-lo. Está com adaptações curriculares para facilitar sua inserção.

Nas entrevistas diagnósticas, é custoso para Agustín permanecer sentado. Mostra-se muito pendente da terapeuta e lhe diz que vai lhe trazer algo para

4 Terapeuta encarregada do diagnóstico: Abigail Iglesias. Terapeutas encarregadas do grupos de crianças: Abigail Iglesias, Sofia Adinolfi Greco, Daniela Stigliano e Erica Hamuy. Terapeuta encarregada do grupo de adultos: María Eugenia Milano.

comer ou beber, convida-a para ir a sua casa ou para passear. Oferece-lhe frango, churrasco, o alimento que ela preferir. No Desenho da Família, desenha seu pai Héctor e sua mãe Marina, que o estão esperando fora do consultório. No entanto, mais para frente, nessa mesma entrevista, dirá à terapeuta:

Amanhã posso te passar o telefone da minha mãe e você fala com ela. Diga-lhe que tenho saudades dela, que venha falar com você, eu espero ela, levamos ela para a casa dela e pronto. Tenho vontade de vê-la. Marina não me leva.

Nomeia alguns de seus irmãos e suas idades. Diz que brigam. Grava uma mensagem para sua mãe:

Mamãe, gosto muito de você, obrigado por ir te visitar, espero que fique feliz quando me veja e por favor diga à vovó que não chore mais, porque minha avó não tem muita fé em mim e é muito inquieta. Vovó, por favor não comece a chorar por teu neto. Teu neto está bem. Por favor, o que você faz me deixa muito perturbado, ficar chorando o que você quer de mim, que vá para tua casa todos os dias. Bom, se você está assim vou ter que ir morar com você. Um dia não gostou de mim, deixou a gente largado num campo porque fazíamos barulho e você não conseguia dormir. Vovó, para de chorar porque eu estou no doutor esperando que Abigail chame a mamãe para que você não chore mais por mim.

No começo, aparecem misturados relatos de sua vida atual e de sua vida passada, entremeados de produções fantasmáticas: conta que foi à casa de uma tia e relata o encontro com a Chorona e como Héctor, seu pai adotivo, a enfrentou. Mediante o gravador, fala com seu avô, “papito”. Disse que faleceu antes de ele nascer. Depois conta situações com ele e diz que faleceu quando era pequeno, que ele lhe pedia para parar de fumar, conta como foi quando faleceu. Depois diz que vai vê-lo no hospital onde está internado e depois que está morando na casa da avó, que cuida dele e lhe dá banho.

No dispositivo grupal, busca a dualidade, identificar-se maciçamente com o outro. Se uma criança diz que vai viajar nas férias, ele diz que vai para o mesmo lugar. A respeito de um menino que também se chama Agustín, diz: “A gente gosta das mesmas coisas porque somos iguais”. Quando lhe perguntam seu sobrenome, diz que se chama assim porque é o nome de seu bairro.

Com o tempo, no grupo de crianças, Agustín começa a trazer relatos menos idealizados de sua vida anterior, apresenta de modo muito desafetivizado situações de descuido em sua casa materna de origem.

Em uma das sessões recentes, Agustín joga o jogo da velha com outro menino. Agustín não consegue sair do lugar daquele que perde, repetindo

várias vezes a mesma forma de perder. A outra criança o interpela: “Você não percebe, sempre perde do mesmo jeito...”

O que é perder para Agustín? Como se constitui o sujeito da perda? Como se tramita como recalcado o lugar do desamparo estrutural numa ordem social mortífera, excludente, desigual, que deixa cair os vínculos primários, erógenos e libidinais? Como se tramitam as “ausências”, trauma desde o substrato corporal que também dificulta a construção de uma trama identificatória em um eixo temporal significativo?

Se, como dizíamos, a fantasia se apresenta como a sutura entre o exterior e o interior, como a estrutura que integra e dissemina o puro choque e o transforma em êxtimo, ela é possibilidade de perda de gozo, mas também frágil cicatriz. Um intercâmbio que leve em conta a diferença se constitui com objetos que não estejam totalmente marcados pelo selo do narcisismo do sujeito. As experiências com outros não têm para Agustín um valor interrogativo, não questionam as certezas exigidas por seu precário equilíbrio narcisista.

O novo entendimento do sujeito no âmbito da plasticidade (Malabou, 2010) e da complexidade (Morin, 2001) tem importantes implicações epistemológicas. Novos paradigmas de investigação e novas formas de colaboração que superem as barreiras entre as disciplinas fazem-se necessários. A proposta do pensamento complexo sugere uma reconfiguração epistemológica tendente a um conhecimento transdisciplinar, desenvolvendo também uma proposta ética e política. Existem problemas transdisciplinares, tanto parciais como abrangentes, que podem articular e integrar alguns campos disciplinares adjacentes.

Azaretto e Ros (2015) consideram que os propósitos que orientam o diálogo da psicanálise com outros campos de conhecimento não são apenas cognitivos, mas também políticos, institucionais, retóricos – para dentro do próprio campo/para o campo científico/para a comunidade. “A fragmentação do conhecimento em campos disciplinares é subsidiária da divisão social do trabalho e, segundo essa lógica, a cada disciplina corresponde um objeto que lhe é próprio e um campo teórico específico” (Bello Díaz, 2003, citado por Azaretto & Ros, 2015, p. 59).

A interdisciplinaridade obriga basicamente a reconhecer a incompletude das ferramentas de cada disciplina, a multirreferencialidade teórica na abordagem dos problemas e a existência de correntes de pensamento subterrâneas – de época – atravessando distintos saberes disciplinares (Fernández, 2011; Stolkiner, 2005; entre outros). No mesmo sentido, Basarab Nicolescu define a transdisciplinaridade como a consideração da dinâmica engendrada pela ação de vários níveis de realidade simultaneamente: “Se existe a unidade que une todos os níveis de realidade, esta tem de ser uma unidade aberta. ...

Na visão transdisciplinar, a pluralidade complexa e a unidade aberta são duas facetas de uma única e mesma realidade” (1996, p. 42).

O que se pode esperar do encontro com um psicanalista? O discurso da psicanálise introduz a dimensão subjetiva, obstaculizando o impulso à objetivação. Enfrentamos o desafio de estender a psicanálise a práticas situadas fora do âmbito tradicional do consultório ou de um enquadre mais clássico. Trata-se de uma psicanálise comprometida com problemas cruciais de sua época.

A contribuição da psicanálise no contexto da complexidade que estamos apresentando talvez seja a de instaurar a possibilidade de formular uma resposta singular. A hipótese deste trabalho é que, ante a vulnerabilidade social, a condição de vulnerabilidade subjetiva (*Hilflosigkeit*) é uma conquista que implica uma resposta singular da criança que não está garantida. A aposta é que os espaços “entre” (o grupo de crianças, o grupo de pais, o grupo de trabalho interdisciplinar) sejam espaços de hospitalidade. Diz Derrida (Derrida & Dufourmantelle, 1997) que o anfitrião torna-se vulnerável ao alojar o outro. É nesse espaço-limite – onde as singularidades se constituem enquanto exposição ao contato com o outro, sendo afetadas por essa presença – que o outro aparece como semelhante. E, então, nós também somos outros. Algo nos toca, expondo nesse mesmo movimento algo de nós mesmos, algo que fez sentido.

### Notas sobre vulnerabilidad y desamparo en la infancia

Resumen: El presente artículo presenta algunos desarrollos a partir del abordaje clínico con niños y jóvenes en situación de vulnerabilidad social. Se propone diferenciar la condición de vulnerabilidad subjetiva constitutiva y estructural que deviene de la experiencia de desamparo originario de lo que puede ser la encrucijada traumática y el colapso subjetivo que esta puede involucrar planteando la pregunta por situaciones en que los efectos destructivos de la violencia sociosimbólica es un estado de cosas permanente. Se discuten desarrollos de Malabou y de Žižek acerca del sujeto postraumático planteando la hipótesis de que la condición de vulnerabilidad subjetiva es ya una respuesta, recomposición simbólica mediante, a la vulnerabilidad social. A partir de un recorte clínico, se plantea el desafío de extender el psicoanálisis a prácticas ubicadas por fuera del ámbito tradicional del consultorio o de un encuadre más clásico. Se trata de un psicoanálisis comprometido con problemas cruciales de su época, que pueda sostener la posibilidad de una respuesta singular, entendiendo al sujeto en el marco de la plasticidad y de la complejidad, en abordajes que sobrepasen las barreras disciplinares.

Palabras clave: vulnerabilidad, desamparo, trauma, niño, sociedad

### Notes about vulnerability and helplessness in childhood

**Abstract:** The paper presents a series of ideas based on clinical work with children and young people in a context of social vulnerability. It proposes to distinguish the condition of subjective constituting and structural vulnerability that becomes the experience of primal helplessness from what can be the traumatic junction and the subjective collapse this can involve, wondering about situations where the destructive effects of the socio-symbolic violence is a permanent state of affairs. Contributions from Malabou (2007) and Žižek (2012) are discussed in connection with the post-traumatic subject, putting forward the hypothesis that the condition of subjective vulnerability is already a response, via symbolic reconstitution, to social vulnerability. Based on a clinical vignette, the paper proposes the challenge of extending psychoanalysis to practices outside the traditional environment of the consulting room or outside a more classical setting. It is a psychoanalysis committed to crucial problems of our times, which can sustain the possibility of a singular response, understanding the subject in the frame of plasticity and complexity, in approaches that stretch beyond disciplinary barriers.

**Keywords:** vulnerability, helplessness, trauma, child, society

### Des notes concernant la vulnérabilité et le délaissement pendant l'enfance

**Résumé :** Cet article présente quelques développements à partir de l'approche clinique qui emploie des enfants et des jeunes en situation de vulnérabilité sociale. Il propose de trouver la différence entre la condition de vulnérabilité subjective constitutive et structurale qui découle de l'expérience du délaissement originaire et ce qui peut être le carrefour traumatique et le collapse subjectif que cette condition peut comporter de façon implicite, tout en cherchant les situations où les effets destructifs de la violence sociosymbolique est un état de choses permanent. Il discute des propositions de Malabou (2007) et de Žižek (2012) à l'égard du sujet post-traumatique, en émettant l'hypothèse que la condition de vulnérabilité subjective, moyennant la recomposition symbolique, est déjà une réponse à la vulnérabilité sociale. À partir d'un extrait d'un cas clinique, on pose le défi d'élargir la psychanalyse jusqu'à des pratiques situées en dehors de la sphère traditionnelle du cabinet ou d'un cadre plus classique. Il s'agit d'une psychanalyse compromise avec des problèmes cruciaux de son époque, laquelle puisse soutenir la possibilité d'une réponse singulière, tout en comprenant le sujet dans le contexte de la plasticité et de la complexité, dans des approches qui surpassent les barrières disciplinaires.

**Mots-clés :** vulnérabilité, trauma, adoption, matériel clinique, enfant, hôpital, délaissement, société

## Referências

- Azaretto, C. & Ros, C. B. (2015). *Las relaciones del psicoanálisis y otros campos de saber en términos de multidisciplinaria-interdisciplinaria-transdisciplinaria* [Apresentação de trabalho]. 7º Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, Buenos Aires, Argentina. <https://bit.ly/3ifl87H>
- Bleichmar, S. (2006). La deconstrucción del acontecimiento. In L. Glocer Fiorini (Comp.), *Tiempo, historia y estructura: su impacto en el psicoanálisis contemporáneo* (pp. 139-154). Lugar.
- Derrida, J. & Dufourmantelle, A. (1997). *De l'hospitalité*. Calmann-Lévy.  
[Ed. bras.: Derrida, J. & Dufourmantelle, A. (2003). *Da hospitalidade* (A. Romane, Trad.). Escuta.]
- Dobon, J. (2015). Duelos congelados. In O. Delgado (Org.), *Consecuencias subjetivas del terrorismo de Estado*. Grama.
- Fernández, A. M. (2011). Hacia los estudios transdisciplinarios de la subjetividad: reformulaciones académico-políticas de la diferencia. *Revista Investigaciones en Psicología*, 16(1), 61-79.
- García Reinoso, G. (1992). Algunas consecuencias psíquicas de las transformaciones sociales. *Diarios Clínicos*, 7, 21-36.
- Lacan, J. (2015). *El seminario, libro 6: el deseo y su interpretación* (G. Arenas, Trad.). Paidós.  
[Ed. bras.: Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (C. Berliner, Trad.). Zahar.]
- Malabou, C. (2007). *Les nouveaux blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Bayard.
- Malabou, C. (2010). *La plasticidad en espera* (C. Durán & M. Valdivia, Trads.). Palinodia.
- Morin, E. (2001). *Introducción al pensamiento complejo* (M. Pakman, Trad.). Gedisa.  
[Ed. bras.: Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo* (E. Lisboa, Trad.). Sulina.]
- Nicolescu, B. (1996). *La transdisciplinarietà: manifesto* (N. Núñez-Dentin & G. Dentin, Trads.). Du Rocher.
- Stolkiner, A. (2005). *Interdisciplina y salud mental* [Apresentação de trabalho]. 9 Jornadas Nacionales de Salud Mental, Misiones, Argentina.
- Viñar, M. & Ulriksen, M. (1993). *Fracturas de memoria: crónicas de una memoria por venir*. Trilce.
- Wilches-Chaux, G. (1989). *Desastres, ecologismo y formación profesional: herramientas para la crisis*. Servicio Nacional de Aprendizaje.
- Žižek, S. (2012). *Viviendo en el final de los tiempos* (J. M. Amoroto Salido, Trad.). Akal.  
[Ed. bras.: Žižek, S. (2012). *Vivendo no fim dos tempos* (M. B. Medina, Trad.). Boitempo.]

Tradução de Claudia Berliner

Recebido em 8/12/2022, aceito em 16/12/2022

Analía Wald  
awald@psi.uba.ar